

“QUE O SONHAR BEM NEM MESMO MORRENDO
SE PERDE”: UMA REFLEXÃO SOBRE A INTEGRIDADE
ONTOLÓGICA DO HUMANO E DA NATUREZA A PARTIR DA
METÁFORA ZAMBRANIANA DAS RUÍNAS

ON ZAMBRANO'S METAPHOR OF RUINS: A REFLECTION ON THE
ONTOLOGICAL INTEGRITY OF THE HUMAN AND NATURE

ANA RAQUEL RODRIGUES LOIO PINTO¹

Abstract: For María Zambrano, dreaming is a phenomenon that happens not only in sleep, but also in wakefulness. A deciphered dream, understood as a phenomenon, is a creative dream, dreaming well, a state that touches eternity by transcending time. At a time in her life, Zambrano silently watched the ruins of the Roman Forum and deciphered the dream, suddenly understanding how the ruins metaphorized the human. The human being is the one who seeks to build his dreams and transcend finiteness, merging with nature (which is symbolized by the ivy that invades the ruins).

Keywords: ivy, María Zambrano, ruins, silence, dream.

Resumo: María Zambrano efetua uma abordagem do sonho enquanto fenómeno que acontece não apenas no sono, mas também na vigília. Um sonho decifrado, em termos da compreensão do fenómeno, é um sonho criador, um sonhar bem, um estado que toca a eternidade por transcender o tempo. Num momento da sua vida, Zambrano observava silenciosamente as ruínas do Fórum Romano e decifrou o sonho, compreendendo subitamente como as ruínas metaforizavam o humano. O ser

Resumen: María Zambrano aborda el sueño como un fenómeno que ocurre no solo durmiendo, sino también en la vigilia. Un sueño descifrado, en términos de comprensión del fenómeno, es un sueño creativo, soñando bien, un estado que toca la eternidad trascendiendo el tiempo. En un momento de su vida, Zambrano observó en silencio las ruinas del Foro Romano y descifró el sueño, comprendiendo de repente cómo las ruinas metaforizaban al humano. El ser humano es el que busca construir sus

¹ PRAXIS – Centro de Filosofia, Política e Cultura, Universidade da Beira Interior.
Email: raquelloio85@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9580-0753

humano é aquele que procura edificar os seus sonhos e transcender o acabamento, fundindo-se com a natureza (o que é simbolizado pela hera que invade as ruínas).

Palavras-chave: hera, María Zambrano, ruínas, silêncio, sonho.

sueños y trascender el final, fusionándose con la naturaleza (que está simbolizado por la hiedra que invade las ruinas).

Palabras clave: hiedra, María Zambrano, ruinas, silencio, sueño.

Introdução

Zambrano aponta a razão poética como um tipo de racionalidade que permite falar das coisas de uma forma livre, espontânea, metafórica. A autora afirma que a riqueza da linguagem poética é essencial para a compreensão vasta daquilo que acontece com o ser humano. É assim que, fazendo uso da metáfora das ruínas, em análise nas obras *El hombre y lo divino* (1973) e *Uma metáfora da esperança: As ruínas* (artigo publicado na revista *Lyceum*, em 1951), Zambrano expõe parte do sentido da vida humana. O ser humano é alguém que sonha e que, ao tentar realizar os seus sonhos, constrói, constrói-se, edifica a sua história. No entanto, a insatisfação permanente do humano, que o leva a edificar constantemente, numa busca invariável de algo que encontraria em si mesmo, isto é, o sentido da sua existência, afasta-o da natureza e da sua natureza. Neste sentido, Zambrano afirma que o ser humano esqueceu a sua origem. Esta é também a diferença entre uma vivência que poderá ser alienada, no papel de personagem, e uma vivência genuína, enquanto pessoa. Para compreender o sentido das coisas que acontecem com o humano, estão aqui em questão duas componentes, que serão desenvolvidas em dois momentos. A primeira tem que ver com o modo como o ser humano poderá decifrar a sua vida, que é também o seu sonho, de modo que este se torne criador. Ou seja, de modo que a realidade adquira uma unidade de sentido. Um elemento a destacar neste primeiro momento é a importância do silêncio. A segunda componente está relacionada com a metáfora das ruínas e com o descerrar de significados que esta contém. Descobre-se, ainda, como é que o edificar se encaminha para a ruína e, esta, por sua vez, para uma “reconciliação” do humano com a natureza.

1. Uma reflexão sobre a integridade ontológica do humano e da natureza a partir da metáfora zambraniana das ruínas

Primeiramente, recorde-se a expressão com que Zambrano finalizou o seu artigo “Uma metáfora da esperança: As ruínas”, originalmente publicado

na revista *Lyceum*, em maio de 1951: “que o sonhar bem nem mesmo morrendo se perde”.² De um modo geral, neste contexto, o sonhar é aquilo que move o humano, no sentido de realizar os seus sonhos, de os edificar e, se “sonhar bem”, edificando os sonhos, pode transcender todo o acabamento, como são as ruínas.³ Para melhor compreender esta ideia, é importante perguntar: o que é o sonhar? Zambrano responde a esta questão, afirmando que

O estado de sonho é o estado inicial da nossa vida, do sonho acordamos; a vigília sobrevém e não o sonho. Abandonamos o sonho pela vigília e não o inverso.

Assim o demonstra o crescimento do indivíduo de criança a adulto, a marcha da história humana nos sucessivos despertares da consciência. O sonho é ao mesmo tempo a nossa vida mais espontânea e a mais alheia, o estado em que nos encontramos mais alienados e mais isentos de intervenção⁴.

Portanto, o sonhar é entendido como a primeira manifestação da vida humana, é uma realidade que aparece, uma realidade em sentido absoluto, porque não existe o discernimento que é efetuado na vigília, visto que não se vive o tempo linear, que permite organizar os acontecimentos como pertencentes ao passado, ao presente ou futuro.⁵ No pensamento da autora, o sonhar não parece tanto um protótipo da vigília, mas uma totalidade que a vigília permitirá organizar, precisamente pela possibilidade de se fazer uso do tempo. Assim, coloca-se outra questão: o que significa realizar os sonhos, edificá-los? Os sonhos serão realizados e edificados ao serem decifrados, ao ser compreendido o seu sentido, ao serem integrados na totalidade de que fazem parte. Zambrano chamará o sonho, então, de sonho criador, “quando elementos afastados no espaço e no tempo [fragmentos de sonhos, de memórias] formam uma unidade de sentido”.⁶ Neste caso, deixa-se de dispor de tempo, porque este é transcendido, sendo que a possibilidade das múltiplas vivências do tempo (como o tempo do sonho e o tempo da vigília) é vista “a partir de fora”, a pessoa torna-se “espetadora”.⁷ Assim, o sonhar e o decifrar do sonho permitirão transcender o acabamento, a finitude, a ruína, porque se encontra um momento novo, que está para além do tempo, que o inclui, na medida em que o compreende, e transcende. Isto justifica a expressão segundo a qual “o sonhar bem nem mesmo morrendo se perde”.⁸

² María Zambrano, “Uma metáfora da esperança. As ruínas”, *Sopro* 37 (2010), 1-4, <http://culturaebarbarie.org/sopro/arquivo/zambrano.html>

³ Zambrano, “Uma metáfora”, 1-4.

⁴ María Zambrano, *O sonho criador* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2006), 23.

⁵ María Zambrano, *Os sonhos e o tempo* (Lisboa: Relógio D’Água, 1994), 42.

⁶ Zambrano, *O sonho*, 37.

⁷ Zambrano, *O sonho*, 37.

⁸ Zambrano, “Uma metáfora”, 4.

Repare-se que, em Zambrano, decifrar o sonho é mais do que atribuir um significado ao seu conteúdo, é compreender um fenómeno que é parte integrante da vida humana. De facto, na sua fenomenologia do sonho, Zambrano menciona que o sonho acontece tanto no sono como na vigília. Existe, contudo, um elemento de distinção entre os dois estados, relacionado com o modo como o tempo é vivido. A tese da autora centra-se, precisamente, na possibilidade de existirem múltiplas vivências do tempo no ser humano.⁹ Portanto, no sonho, durante o sono, considera-se que, por não ter a capacidade para estranhar e interrogar sobre aquilo que lhe acontece, o sujeito não dispõe de tempo, não tem tempo para parar, vivendo sob o tempo. Assim, Zambrano afirma que este é um estado atemporal infraconsciente. Por sua vez, na vigília, o tempo flui, já não é compacto como no sonho. Na vigília, o tempo tem uma sucessão, ocorre enquanto passado, presente e futuro. Isto permite que a pessoa possa dispor do tempo para se interrogar. E, mesmo que o sonho ressurja em vigília, deixando a pessoa “ensimesmada”, a pessoa ainda pode estranhar e interrogar-se sobre esse mesmo sonho, pode estar atenta, “vigiar”. Desta forma, existe a possibilidade de o sonho ser compreendido, não apenas o seu conteúdo, mas também o fenómeno. Neste caso, o sonho tornar-se-ia “criador”, pois seria um momento em que vários elementos da vida da pessoa formariam uma unidade de sentido. Este seria um momento já não atemporal, nem temporal, mas supratemporal, porque, por instantes, o tempo seria transcendido. Mais especificamente, o tempo não apareceria fragmentado em passado, presente e futuro, mas superaria essa forma linear pela vivência de um acontecimento percebido como uma unidade, uma totalidade, cujo sentido estaria explícito para a pessoa. Assim, este estado é entendido como um estado também atemporal, visto que não está no tempo da consciência de passado, presente e futuro, mas trata-se de um estado atemporal supraconsciente. Posta esta exposição da tese de Zambrano sobre a multiplicidade de tempos vitais, importa reter aqui a ideia da esperança no transcender.

A esperança no transcender é apresentada em Zambrano na forma da metáfora da hera que invade as ruínas.¹⁰ Assim, funde-se a história do ser humano, aquele que constrói (que edifica), com a natureza (que inclui e transcende o humano). Esta reflexão, que objetiva refletir sobre a integridade ontológica do ser humano e da natureza, partindo da metáfora zambraniana da hera que invade e se funde com as ruínas, está dividida em dois momentos, seguidamente abordados. A primeira ideia assenta na afirmação de Zambrano de que o decifrar do sentido das coisas que acontecem ao humano surge não só de forma poética (esta asserção remete para a “razão poética” zambraniana),

⁹ Zambrano, *O sonho*, 38-39.

¹⁰ Zambrano, “Uma metáfora”, 1-4.

mas também de uma forma mais humilde, indireta, metafórica, que inclui o silêncio. Em segundo lugar, destaca-se a metáfora das ruínas: as ruínas indicam algo que já não está, mas elas advêm de uma edificação, da necessidade do humano inadaptado construir o que o protegerá exterior e interiormente.

1.1. O silêncio como forma de decifrar o sentido das coisas que acontecem ao humano

Zambrano afirma que o decifrar do sentido das coisas que acontecem ao humano surge não só de forma poética, mas também de uma forma mais humilde, indireta, metafórica e, ainda, através do silêncio. A autora dá o exemplo da sua ama, que transmitia sabedoria com modestas parábolas, metáforas, silêncios, recorrendo frequentemente à expressão “olha, menina...”, para depois indicar algo como um pequeno inseto, sem acrescentar mais nada.¹¹ Zambrano acaba por reconhecer que “ali estava uma indicação ao menos do que estava acontecendo comigo”.¹² Pois, tratava-se da sua vivência, tratava-se do seu momento de observação de um simples inseto. Neste sentido, pode dizer-se que “a minha vivência é tudo aquilo que se passa ao meu redor”. Porém, Zambrano sugere que a pergunta pelas coisas da vida (da história) e da natureza deve retroceder para a pergunta acerca do ser que pergunta. E remete para o modo como Ortega y Gasset começava a sua razão vital: “o que está a acontecer connosco?”.¹³ O que acontece connosco, a cada instante, é o mais factual e compreende igualmente as relações estabelecidas com os outros e com o mundo, pois somos um ser em relação com... Mas, será que a pessoa é capaz de atender ao que está a acontecer com ela mesma se estiver constantemente ocupada com o mundo das ideias? De facto, em determinados momentos, parece ser necessária uma atitude de simplicidade e silêncio interior, uma atitude de mera observação sem qualquer tipo de distorção. Quer dizer, uma observação sem o esforço para compreender, para interpretar, para modificar, porque a compreensão, a decisão, a ser tomada, será tão mais acertada quanto mais abrangente for a compreensão do facto. Zambrano refere que, apenas por olhar, poderia compreender o seu coração, aquilo que se entende por “decifrar o sentido”.¹⁴ É interessante como, quando aparentemente não se está a compreender recorrendo maioritariamente à verbalização e à imaginação, fala-se em compreender com o coração, conforme se verifica no pensamento de Zambrano e, por exemplo, no pensa-

¹¹ Zambrano, “Uma metáfora”, 3.

¹² Zambrano, “Uma metáfora”, 3.

¹³ Zambrano, “Uma metáfora”, 1-4.

¹⁴ Zambrano, “Uma metáfora”, 1-4.

mento budista.¹⁵ Talvez se possa falar em compreender com todo o ser, com todos os sentidos, incluindo modos mais intuitivos.

Portanto, é numa forma simples e silenciosa de observar as ruínas do Fórum Romano que Zambrano decifra parte do sentido da vida humana metaforizada naquela imagem (a metáfora das ruínas). Num momento de percepção não circunscrito pela voz do pensamento, num momento em que o pensamento não separa por não se identificar a si próprio como um ente e aquilo que observa como outro ente separado de si, há um contacto não usual e, talvez, aquilo que se denomina *insight*, uma compreensão súbita. Este momento de *insight* poderá abarcar uma integridade do humano e da natureza num sentido ontológico? A percepção livre da verbalização, ainda que fugaz, seria o suficiente para trazer para o campo do pensamento e da ação uma sabedoria advinda de um momento de harmonia. Ou seja, harmonia no sentido de existir uma união/totalidade sem qualquer conflito. O conflito, aqui, pode ser a tentativa imediata, a ansiedade, de se identificar, de categorizar, aquilo que se observa. Ressalve-se que, apesar de existir uma compreensão súbita permitida pelo silêncio, esta ainda originaria um tipo de verbalização, mas seria uma narrativa mais criativa, mais rica, simbólica, poética, enquadrando-se na razão poética de Zambrano. Mais uma vez, a autora apresenta semelhanças com a filosofia budista relativamente à forma de observação a que alude (uma observação passiva e panorâmica), ao conhecimento com o coração (para os budistas há um centro de conhecimento localizado no coração) e ao transcender do tempo (conduzindo a estados de consciência “pura”, “livres” do tempo e do espaço).

Em suma, Zambrano propõe um processo simples de compreensão do mundo. A observação numa atitude de silêncio interior, isto é, uma observação pré-reflexiva, permitiria um “contacto direto com o facto”, utilizando uma expressão do filósofo Jiddu Krishnamurti, na medida em que não existe uma ideia que se interponha entre a pessoa e aquilo que a pessoa observa.¹⁶ Esta forma de observar conduz a uma compreensão ampla, visto que não se compreende apenas a partir da categorização dos elementos observados e da associação com os conhecimentos prévios, compreende-se, sim, o sentido daquele acontecimento singular na vida de uma determinada pessoa. Isto é, a pessoa percebe como é que as coisas que lhe acontecem se integram na sua vida, alcança o sentido das suas vivências. Por exemplo, Zambrano, ao observar o Fórum Romano, compreendeu o modo como as ruínas, no geral, representavam a vida do humano e transportou esse entendimento para a sua

¹⁵ Francisco Varela, *Dormir, sonhar y morir. Una exploración de la consciencia con el Dalai Lama* (Madrid: Gaia Ediciones, 2006), 137-154.

¹⁶ Jiddu Krishnamurti, *O sentido da liberdade* (Lisboa: Editorial Presença, 2007), 101-103.

vida, para a sua obra filosófica. Aquela vivência em particular integrou-se com a sua vida, elementos aparentemente separados formaram uma unidade de sentido. A forma de exprimir esta sabedoria enquadra-se na razão poética zambraniana. Ou seja, o acontecimento, o facto observado, ao revelar aquilo que comporta, neste caso o modo como simboliza a história do humano e da sua interação com os outros e com a natureza, dá origem a uma metáfora que transmite uma mensagem, conhecimento. Portanto, existirá uma narrativa *a posteriori*, mas é como se a compreensão tivesse de ocorrer primeiro, sem a mente que anseia por compreensão, que tem pressa, que cede à pressão do tempo. A compreensão aconteceria com o todo da mente, consciente, inconsciente. Posto isto, passa-se a explicar a metáfora das ruínas.

1.2. A metáfora das ruínas

As ruínas são a coisa mais viva da história, pois apenas vive historicamente aquilo que sobreviveu à sua destruição, o que ficou em ruínas.

[...]

A contemplação das ruínas produziu sempre um fascínio peculiar, apenas explicável se contiverem algum segredo da vida, da tragédia que é viver humanamente e daquilo que alentam no seu fundamento [...].¹⁷

Neste sentido, apesar de indicarem algo que já não está, Zambrano afirma que as ruínas advêm de uma edificação, que resulta da tentativa do humano de realizar os seus sonhos, alentando a esperança. Isto é, o ser humano, segundo Zambrano, não encontrou um meio que estivesse a aguardá-lo, sentindo a necessidade de construir algo para sua proteção. Este algo não é meramente um abrigo, é também o buscar um interior que proteja a sua alma nascente.¹⁸ Janés explica que Zambrano considera que a pessoa não está acabada de nascer, na medida em que precisa de se construir, de concluir o seu projeto, a fim de levar o próprio ser à sua culminação.¹⁹ Assim, o ser humano edifica. O ato de edificar é um triunfo do humano sobre a natureza, pois, a despeito das ruínas serem o abatimento da ação de edificar, fazem história, contêm algo do ser humano que não se “apaga”.²⁰ É neste quadro que toda a “cultura” surge como a tentativa de realizar um sonho, um desses sonhos que perseguem o humano e dos quais este não se pode livrar, porque nascem do

¹⁷ María Zambrano, *El hombre y lo divino* (México: Fondo de Cultura Económica, 1973), 250-251.

¹⁸ Zambrano, “Uma metáfora”, 1-4.

¹⁹ Clara Janés, “María Zambrano. Retrato com figuras”, in: *María Zambrano. La vision más transparente*, coords. José María Beneyto e Juan Antonio González Fuentes (Madrid: Fundación Carolina, 2004), 47-59.

²⁰ Zambrano, “Uma metáfora”, 1-4.

fundo indestrutível da esperança que busca o seu argumento e a sua realização.²¹ Porém, Zambrano refere que a realização é sempre uma frustração e, nesse sentido, toda a história, até mesmo a mais esplêndida, é um fracasso. Isto será motivado pela busca constante do humano por realização. Pois, depois da consecução de um objetivo, surgirá sempre outro para alcançar. Não obstante, o ser humano apresenta um lugar na natureza, aquele que construiu para si. Então, o ser humano construiu-se, as ruínas serão prova disso. Mas, parece existir aqui uma demarcação arriscada entre o humano e a natureza. De facto, o humano e a natureza são parte do mesmo, de uma totalidade, e a ação do humano na natureza tenderá para uma harmonia se existir o entendimento desta totalidade. Caso contrário, o resultado da interação entre o humano e a natureza poderá ser, em vez de criador, destruidor.

Nas ruínas observa-se a reunião entre o humano e a natureza, visto que a vida vegetal tende a enlaçar-se com as construções que permanecem, mesmo enquanto ruína: “uma fusão entre a natureza e a história [do ser humano] tem lugar, uma pacificação, uma reconciliação”.²² A hera que invade as ruínas aparece como uma metáfora da vida que nasce da morte, do transcender que segue todo o acabamento, simbolizando o renascer incessante da esperança humana.²³ De certo modo, esta fusão permite repensar o humano também como natureza e não como alguém afastado da natureza, sobre a qual sente que tem de agir, de acordo com os seus interesses, o que se justifica pela sua necessidade de sobrevivência. Porém, o que está em questão não é esta ligação prática com a natureza, mas o ponderar de uma ligação metafísica e de uma compreensão imediata do sentido da natureza (incluindo a natureza humana) proveniente de um momento contemplativo que procura perceber sem justificar apressadamente. Contudo, o ser humano tende a afastar-se quando observa a natureza e a si próprio, mesmo sem nenhuma necessidade básica para suprir no momento, quando pensa “eu estou aqui e a natureza está aí” ou “eu (observador) estou a observar a mim mesmo (observado)”, originando mais uma dualidade, separação.²⁴ Qual seria a alternativa? Salvaguardando a importância do pensamento, talvez a primeira tecnologia necessária para a sobrevivência, propõe-se ponderar o silêncio, um silêncio vivo (atento) capaz de apreender num instante a conexão, o sentido das coisas, o sentido do humano em relação com o mundo, o sentido de ser “parte de”. Porque, no silêncio interior e vivo, não há um pensamento que se interponha entre a pessoa que observa e aquilo que é observado, há um contacto incomum, o *insight*? O ser humano, além de ter acesso à memória, é capaz deste silêncio,

²¹ Zambrano, “Uma metáfora”, 1-4.

²² Zambrano, “Uma metáfora”, 4.

²³ Zambrano, “Uma metáfora”, 1-4.

²⁴ Krishnamurti, *O sentido*, 101-103.

deste estado completamente desinformado e, por isso, ilimitado e livre, capaz de decifrar o novo, sensível. O humano tem “sonhado” e “edificado” tecnologias, mas não a sensibilidade, porque sonhar ou edificar a sensibilidade continuaria a ser pensá-la, seria destruí-la dada a simplicidade que ela exige. Desta forma, tem-se apenas uma das coisas e o humano fica condenado a uma espécie de isolamento, fica “inadaptado” nas palavras de Zambrano. Esta sensibilidade é parte do humano, independentemente das “edificações” e das “ruínas” também no sentido psicológico de criação de uma imagem, é uma qualidade essencial para uma orientação para o viver bem, em relação (incluindo a relação com a natureza). Talvez se possa dizer que esta sensibilidade é o humano.

Ora, se a esperança é simbolicamente representada pela hera que invade a ruína, na metáfora de Zambrano, também é possível considerar esta esperança factualmente, na forma como a natureza se revitaliza espontaneamente a partir de cenários de devastação.

Considere-se, a título de exemplo, o trabalho de *time lapse* e microcinematografia de Teresa Castro, que mostra como, através dos fungos, a vida pode surgir da putrefação. Apresenta-se, seguidamente, uma imagem do vídeo “Fungos”, publicado em 16 de julho de 2021, no *site* da Culturgest, em “Segredos da natureza”.²⁵



Teresa Castro contextualiza o seu trabalho no âmbito do capitalismo, que não é objeto de estudo do presente artigo, no entanto será apresentada a linha de pensamento da autora, que demonstra a forma como a natureza opera em direção à revitalização e, por isso, com esperança. O vídeo “Fungos” inicia-se com uma citação retirada de *O capital*, de Karl Marx, afirmando que “na história, como na natureza, a podridão é o laboratório da vida”. Segue-se,

²⁵ Vídeo disponível em <https://www.culturgest.pt/pt/media/cinema-razao-ecologia-microsite/#segredos-natureza>

então, uma referência à obra da antropóloga americana Anna Tsing²⁶ *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in Capitalist Ruins*. No seu livro, Anna Tsing menciona como os *matsutake*, cogumelos aromáticos muito apreciados no Japão e que podem atingir valores exorbitantes, surgem de um sistema marcado por situações económicas e ecológicas de precariedade e devastação, falando metaforicamente das ruínas do capitalismo. Teresa Castro afirma que, “enquanto cogumelos micorrizos, isto é, resultando numa simbiose mutualista com raízes de determinadas árvores, os *matsutake* dão-se especialmente bem em florestas de coníferas que proliferam em solos pobres ou devastados pela ação humana”. Portanto, apesar dos danos do capitalismo, as florestas presenteiam o humano com novas formas de viver. Neste quadro, diz-se que a primeira criatura a brotar do chão, depois do bombardeamento de Hiroshima, foi um *matsutake*. No exemplo apresentado encontra-se presente a questão da totalidade, pois o micélio, a parte subterrânea e vegetativa dos cogumelos, consiste num emaranhado de filamentos a partir do qual os cogumelos surgem e estabelecem relações com outros organismos. Teresa Castro alude à interessante informação de que “a micorriza é uma simbiose mutualista sem a qual as florestas não existiriam e a propósito da qual a expressão *world wide web* foi cunhada”. As micorrizas fazem parte, inclusive, de uma série de trabalhos para a tese da inteligência das árvores e plantas e para a redefinição da inteligência não antropocêntrica. Ainda nas palavras de Teresa Castro, a complexidade da micorriza, que origina uma rede partilhada, confronta os limites do pensamento, exigindo ferramentas para repensar os padrões de existência e forjar alianças multiespécies nas ruínas do capitalismo, pois temos de “viver nas ruínas que o capitalismo criou”. Verifica-se aqui um contacto surpreendente entre a sensibilidade e a inteligência humana e a sensibilidade e a inteligência da natureza, uma fusão, uma manifestação da totalidade. Mais uma vez, a observação do mundo, permite decifrar um sentido da vida, neste caso a oportunidade de sobrevivência através dos cogumelos *matsutake*. Da destruição, da ruína, do acabamento, surge a esperança, a natureza que se interpõe e volta a harmonizar-se com o humano. Num estado de observação silenciosa, o humano encontrará um sentido criativo para a sua vida, porque, compreenderá que é parte do todo e, assim, saberá como é que aquilo que lhe acontece se integra na sua vida. Subsequentemente, saberá decidir e agir de forma criadora.

²⁶ Anna Tsing. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in Capitalist Ruins* (Princeton: Princeton University Press, 2015).

Conclusão

Na reflexão apresentada acerca da integridade ontológica do humano e da natureza são destacados dois momentos que partem da metáfora zambranaiana das ruínas. Em primeiro lugar, é descrito como é que o silêncio possibilita o surgimento de uma compreensão traduzida em metáforas. Em segundo lugar, é desenvolvido o simbolismo da ruína e da hera para a vida humana. Assim, o silêncio factual, que não é uma representação do silêncio, ao não julgar, avaliar, interpretar, permitiria compreender a realidade na sua forma mais abrangente, simbólica, criativa. Tal silêncio pode dizer-se criador, sendo um recurso vital a incorporar na vida humana, sem desconsiderar o mérito do método analítico. No exemplo de Zambrano, a observação de uma construção particular (Fórum romano) erigida pelo ser humano em determinada época mostrou-se capaz de retratar toda a história deste ser. Assim, alcança-se o segundo momento da investigação. A ruína representa a necessidade do ser humano construir e, portanto, de construir a sua história, sendo um triunfo sobre a natureza. Pois, perante a natureza indómita, o humano encontra um meio para se proteger, um meio que permanece, uma marca. Porém, a hera (natureza) tende a invadir a ruína, conciliando os dois aspetos, humano e natureza, relembrando a união, o facto de um ser parte do outro.

Partindo das duas dinâmicas de sentido referidas, pondera-se a possibilidade de cada ser humano ter acesso à história da humanidade, que é também a sua, contando com um certo modo de observar. Seria como ler a vida como se fosse um livro, na medida em que a compreensão espontânea da forma como os vários elementos se relacionam e se harmonizam transmite um sentido e transporta uma informação, ou seja, de certo modo, permite uma leitura. De facto, e paradoxalmente, a observação que meramente identifica e descreve parece algo estéril, enquanto a observação que não recorre a qualquer conceito poderá, ao encontrar novas formas de olhar (inesperadas), ser criativa. Não se trata da criatividade medida pela comparação, mas criatividade, porque a pessoa descobre (na sua solidão) um sentido novo que, depois, verbalizará, recorrendo à riqueza de símbolos, metáforas. Portanto, o conteúdo verbal, a narrativa, será algo que virá depois da observação e não previamente. A apresentação intelectual surge depois da compreensão e não primeiro, o que poderia trazer condicionamento (vantajoso, por vezes, mas nem sempre). Esta é uma forma diferente de saber. Consequentemente, originará uma forma diferente de agir. Não se trata de substituir “sensibilidade” por “intelectualidade”, mas de integrar as duas qualidades e talvez isto seja a reconciliação necessária entre o humano e a natureza.

Bibliografia

- Janés, Clara. “María Zambrano. Retrato com figuras”. In: *María Zambrano. La vision más transparente*, Coords. José María Beneyto e Juan Antonio González Fuentes. Madrid: Fundación Carolina, 2004, 47-59.
- Krishnamurti, Jiddu. *O sentido da liberdade*. Lisboa: Editorial Presença, 2007.
- “Segredos da natureza”, consultado em 16 de julho de 2021, <https://www.culturgest.pt/pt/media/cinema-razao-ecologia/#segredos-natureza>
- Tsing, Anna. *The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in Capitalist Ruins*. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- Varela, Francisco. *Dormir, soñar y morir. Una exploración de la consciencia con el Dalai Lama*. Madrid: Gaia Ediciones, 2006.
- Zambrano, María. *El hombre y lo divino*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- _____. *Os sonhos e o tempo*. Lisboa: Relógio D’Água, 1994.
- _____. *O sonho criador*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.
- _____. “Uma metáfora da esperança. As ruínas”, *Sopro* 37 (2010), 1-4, <http://culturaebarbarie.org/sopro/arquivo/zambrano.html>